



# Gaiato

19 DE OUTUBRO DE 1968  
ANO XXV — N.º 642 — Preço 1\$00

**OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SÓUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SÓUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS LA CASA DO GAIATO

## Lourenço Marques

As obras de assistência a menores abandonados, como é o nosso caso, consideradas em si, possuem a sua beleza própria, o seu mérito e a sua projecção social. Mas vistas do avesso, nas causas da sua necessidade, às vezes as mais chocantes, são um mal necessário. Não devia haver Casas do Gaiato nem outras do género. A sociedade, com as suas leis, devia chamar a contos quem prevarica e alija responsabilidades em detrimento do bem social.

Três casos colhidos em menos duma semana em Lourenço Marques.

Esteve longas horas à espera que chegasse, uma mulher com quatro filhos pela mão. O homem abandonou-a após dez anos de casados. Sem preparação para o trabalho, com os filhos à roda, tem passado muitas necessidades. Ela agora nem tanto. Mas os filhos sim. Pelo que percebi entregou-se a outros homens para não passarem fome. «Eles vêm tudo e já compreendem. Não posso tê-los comigo porque o quarto é muito pequeno; nem tenho onde os deitar».

Outra veio acompanhada duma senhora que se interessou. É muito nova, muito elegante, muito última moda. Tem já quatro filhos e um com catorze anos. Não tem instrução primária completa e, por isso, não arranja emprego. Melhor, foi facilmente contratada para um «cabaret» da baixa, onde entra de noite, e sai ao despontar o dia. Os três filhos estão na Machava em casa do padrinho de um deles; uma fi-

Continua na TERCEIRA pág.



Em cima: junto da ponte, o aterro da estrada que dará acesso à futura Aldeia.

Em baixo: outra vista mais recuada do aterro.

## PATRIMONIO DOS POBRES

Nesta querida Angola onde o Património tem dois afloramentos, que eu conheça... — Luanda e Sá da Bandeira — releio cartas que trouxe e medito-as à luz dos problemas locais.

Estes, nas cinturas das cidades que conheço, não têm, apesar de tudo, a acuidade das grandes metrópoles, creio que de todo o mundo. E alguma coisa se tem feito, por cá, nestes bairros populares — que não deixam, no entanto, de apresentar contraste demasiado desfavorável com as zonas mais centrais das urbes.

Porém, o aspecto que me detém a atenção não é tanto o nível material das casas, como a relação mútua destas com o nível de civilização dos habitantes:

Visitei, há dias, a morada de um dos nossos operários mais evoluídos. Bairro popular, sub-urbano; fachadas semelhantes. Mas, justamente no interior, se pronunciava a diferença de outras casas vizinhas que já conhecia, porque de algumas delas vieram vários dos nossos Rapazes. Eu fui lá levar materiais de construção e notei os progressos já realizados e em caminho de realização, para uma casa mais cómoda, mais higiénica, mais embelezada. Isto feito com muito esforço, com muito sacrifício, por exigência de um padrão de vida mais civilizado que sofria, com certeza, a nudez das paredes por cair, o chão de terra batida, a ausência de móveis e utensílios.

Reciprocamente, um degrau subido, faz ver de mais alto e apetecer subir ainda outro degrau, para o que haverá mais esforço, mais sacrifícios — e, no fim, na medida destes mesmos, mais alegria.

Assim se ajuda a evoluir um Povo de qualquer latitude que seja, qualquer que seja o nível de que parte.

É esta mesma a doutrina da carta que aí vai, recebida de uma paróquia dos arredores do Porto, onde se trabalha a sério na promoção habitacional dos seus habitantes, em maioria operários.

«Recebemos sua carta de 5 do corrente e um cheque.

Mais que o valor do dinheiro, valeu o acto em si, pois

Continua na SEGUNDA página

## Homens do Governo

«Feliz a nação que tem o Senhor como seu Deus.»

Na sua oração solene a Igreja cantou este pensamento para meditação de seus filhos na altura em que novos governantes tomaram o leme da barca da Pátria Portuguesa.

O Governante mais responsável (consciente da sua limitação, mas confiante em Deus, em si próprio e em todos) declarou solenemente — «Entro a exercer as árduas funções em que fui investido animado de uma grande fé. Fé na Providência de Deus sem cuja protecção são vão os esforços dos homens. E fé no Povo Português que espero firmemente saberá corresponder ao apelo de quem, com absoluto desinteresse, apenas deseja servir a sua Pátria...»

O programa está traçado. O Povo Português recebeu-o com alegria e esperança. Todos estamos ansiosos por encontrarmos e vivermos «o caminho da dignidade, da paz e da justiça social».

Para muitos este caminho será difícil de encontrar e seguir. Os poderosos da terra

Cont. na QUARTA página

## Aqui LISBOA

Amigo da Obra de longa data, que a conhece por dentro e por fora, envia-nos extenso recorte de revista brasileira de nomeada, onde se apresenta como coisa extraordinária e inédita os moldes de trabalho ultimamente postos em prática no Brasil, no que concerne à matéria de educação de menores. Entre outras coisas lá se diz o seguinte, após visita a determinada Instituição: «O que mais impressiona o visitante é a normalidade do ambiente. Nenhum paroxismo propagandístico, nada de paternalismo exacerbado, nem cartazes, nem alti-falantes. Os portões abertos. Ausência de guardas. Meninos e meninas tratando da sua vida, trabalhando, estudando, brincando, ou comendo, conforme a hora.» (O sublinhado é nosso). O que pretendeu o nosso Amigo? Preci-

samente pôr em evidência aquilo que, sendo alvo dos maiores encómios por parte do autor do escrito, já há muito está em vigor em Portugal; graças a Pai Américo, sem «paroxismos propagandísticos», sem «cartazes» e sem «alti-falantes», humilde e persistentemente posto em prática, não no ambiente cómodo dum gabinete ou dum mero contacto com as aparências, papagueando palavras bonitas e de grande efeito, mas numa incarnação plena de concreto, que acabou por culminar com a entrega da própria vida. Nem sempre o que é nosso é mau e nem sempre os portugueses são os últimos!

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Por

Padre Luís

# PATRIMONIO DOS POBRES



Cont. da PRIMEIRA página

mais uma vez nos mostrou o caminho a seguir em assuntos ligados à recuperação de pessoas.

Na verdade, é-nos grato registar que, após pouco mais de um ano do lançamento da ideia e a cerca de um ano do início, o ambiente começa a modificar-se, especialmente no seio das famílias auto-construtoras. O dinheiro que ia para a taberna, para as casas de jogo e para outros fins ainda menos dignos, hoje encaminha-se para a construção de casas. E é interessante ver o homem, a mulher, os filhos e outros

seus familiares e amigos, todos em conjunto, ajudando a levantar a casa. Aqui, marido e mulher combinam a maneira de dividir a casa, e outros pormenores; ali, o homem, com toda a família, passa os tempos livres a trabalhar na sua casa e não no futebol ou na taberna, como anteriormente; ali mesmo, fazem uma fogueira, cozinham a refeição e a comem. Enfim, começam a conviver mais e viver juntos os mesmos problemas

Custou, mas valeu a pena!

É pois uma obra de recuperação de pessoas o que se tem em

vista quando nos ocupamos do Património dos Pobres e dos seus ramos-filhos: **Auto-Construção**, por equipas organizadas; ou **essoutra Auto-Construção** a que, em nossa gíria, chamamos «pequenos auxílios», em que a iniciativa pertence a cada chefe de família interessado em ter uma casa, o qual congrega em volta de si outras ajudas, de materiais e mão de obra, sem as quais lhe seria impossível a realização do seu plano.

Mas quer numa quer na outra das duas modalidades, a modificação do ambiente é um fruto certo que a experiência de vários anos garante; e há todo um mundo de valores latentes que são postos em acto, a estruturar a família, a dignificar cada um dos seus membros, que «começam a conviver mais e a viver juntos os mesmos problemas».

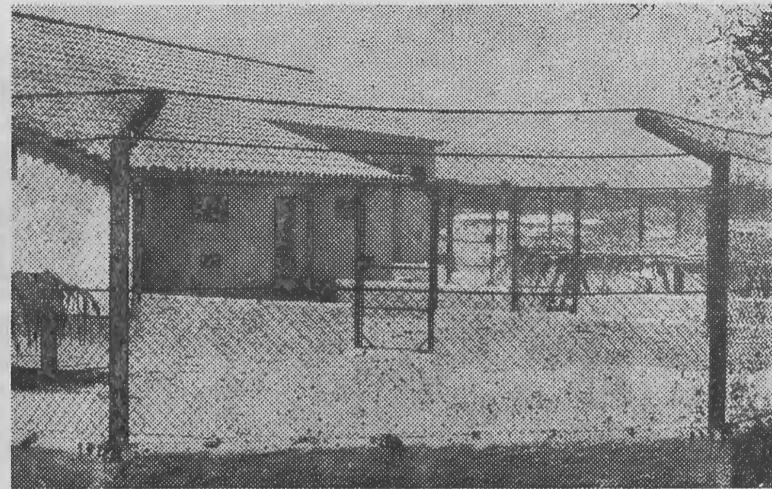
Assobrados por tantos e tamanhos nesta Casa de Benguela, que começa a dar por si mesma os seus primeiros passos, fico-me, às vezes, a sonhar com o dia em que teremos sobras de meios e de cuidados, para irmos, também aqui por volta, estimular, provocando almas desejosas à satisfação dos seus desejos, com a ajuda eficaz que convence e conta

Visado pela  
Comissão de Censura

## MALANJE

Depois de ausência corporal de meio ano das nossas Casas, e de completo convívio com os matagais, vim passar as férias à nossa casa de Malanje, que me era desconhecida e com a qual eu queria contactar directamente. Chegaria num dia à noite, em que o luar dava uma luz encantadora. Nos dias seguintes fui tomando contacto com a «malta» e apreciando o constante desenvolvimento a que quotidianamente se está processando. Os tractores diariamente trabalham, quase não satisfazendo as exigências e as necessidades. A camioneta (apesar de velhinha) vai cumprindo até que alguém se lembre da sua reforma, pois constantemente está tendo avarias. Ela é o quebra-cabeças do Júlio, que se não fossem uns calções poéticos que o animam, já teria desanimado. Aguarda contudo que alguém se lembre que a camioneta não pode durar sempre e a necessidade que a mesma está fazendo.

As escolas estão funcionando. Fernando não se cansa de



TOJAL: GALINHEIROS NOVOS, FONTE DE OVOS E DE CARNE PARA OS RAPAZES.

## Aqui, LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

O antigo casal-agrícola será dentro em pouco a Casa-Mãe da Aldeia nova, ampla e airosa nas suas linhas, com as instalações necessárias para as Senhoras ao serviço da Casa, os aposentos próprios para os mais pequeninos, a enfermaria e o consultório exigidos, a cozinha e o refeitório próprios para uma população extensa e sem anorexias..., a rouparia cheia de luz e capaz de receber a roupa de 120 a 150 pessoas que se rasgam e sujam a toda a hora, etc. Os trabalhos e as canseiras vividos são a massa na qual se caldeia um futuro mais prometedor e sorridente para os nossos Rapazes. Isso nos consola e gera uma persistência tenaz, com fraquezas ou deficiências, mas sem dúvidas de qualquer espécie. Parafraseando: se a única Verdade é amar, o nosso dever é vivê-La, amando como Aquêle que nos

amou até ao fim, mesmo bebendo o fel de que falávamos na quinzena anterior.

x x x

Precisamos de calçado. A sapataria não dá vazão às encomendas. Os trabalhos, a chuva e o futebol justificam este pedido. Tudo serve, novo ou usado, de qualquer cor ou feitio, sobretudo para as idades entre 7 e os 15 anos. Nas vossas arrecadações é talvez possível encontrar solução para este quebra-cabeças. Cem filhos para calçar é bico de obra! Vosso

Padre Luís



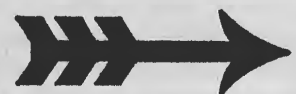
Veio ontem uma senhora trazer-nos uma ração de carne, um garrafão de vinho e mais mil escudos. A sua visita é rotineira. É espontânea. Nasce do interior. Assinante desde o primeiro número de «O Gaiato», encontrou no «Famoso» o tempero do seu vigor espiritual. Amiga desde o nascimento desta Casa do Gaiato, tem aqui vindo depositar muitas das suas economias. Os Pobres são os beneficiados das suas renúncias. A sua visita para nós é curriqueira. Não se anuncia. Não se despede. Não faz alarde. Comunga da nossa vida. Faz comunhão com os Pobres — eles são Cristo. Sabe dos nossos êxitos e fracassos. Continua a amar-nos. A sua visita é-nos sempre uma mensagem do

organizar tudo, para que possa socorrer e aceitar os das povoações mais próximas. Mas como há-de ele arranjar livros para todos?

Está-se procedendo à preparação para a plantação do algodão. Contudo o mesmo está dando grandes problemas, visto que as charruas estão-se partindo e os consertos são arripantes. E levam mesmo ao desânimo, dado que as finanças são poucas para poderem fazer face a estes imprevistos. Depois a construção do aqueduto da barragem para irrigação das terras, tem levado mais tempo e mais material do que inicialmente se tinha previsto.

Com tudo isto, Snr. Padre Telmo aguarda confiante que o Senhor toque aqueles que O amam e têm obrigação de amar a Obra que é vossa. E no vosso amor estará a solução de todas as dificuldades que nos assistem.

Joaquim Sousa



## Auto-Construção

Os homens precisam de se encontrar. Viver só e para si é fugir ao dever. Não é menos certo que os indivíduos e as famílias têm necessidade de um certo recolhimento, pois é na solidão que melhor se encontram os caminhos da vida. O pensamento apura-se longe da multidão. Para descansar é preciso ficar só. E quem não precisará de garantir repouso reparador nestes dias agitados em que vivemos? Viver em sociedade é a vocação de todo o homem. Mesmo os que viveram ou vivem nos desertos, fizeram-no ou fazem-no em comunhão, bem íntima, com Deus e com as criaturas. Por sua vez, os homens, sobretudo os mais dotados, não podem passar sem recolhimento, sem silêncio, sem um condicionalismo de vida que favoreça o pensamento, a meditação, a vida intelectual e interior. Como conciliar tudo isto? Arranjando locais de encontro. Aliás foi esta uma preocupação do homem de todos os tempos. Daí as igrejas, os templos, as academias, os teatros, os salões. Daí mil associações com as suas sedes. Para que se encontram os homens afinal? Para fugirem, o melhor que puderem, à pobreza individual. O homem só, é o mais pobre dos pobres. Já não tem coisa alguma para dar e nada quer receber. É um estado de extrema pobreza. Mas os homens normais procuram encontrar-se. Daí as funções litúrgicas, as associações intelectuais, profissionais, patrióticas e recreativas. Daí também Auto-Constru-

ção. Este movimento tem sido um caminho de encontro. Queremos acreditar que, no futuro, mais o será ainda. Encontrar-se-ão uns com os outros muitos e muitos trabalhadores, muitos e muitos pobres para superarem dificuldades, que, de outra maneira seriam insuperáveis. Encontrar-se-ão com fé, confiança, amizade e coragem. Encontrar-se-ão movidos por um ideal de colaboração, de mútua ajuda, de solidariedade e ainda de garantirem um condicionalismo adequado para famílias melhores. Quando os trabalhadores se encontram para a construção, dificilmente se virão a unir para a destruição. Auto-Construção será ainda um caminho de encontro de muitos e muitos amigos de Auto-Construtores. Quantos e quantos que se conhecem e se admiram e se estimam e se ajudam que nunca o fariam, se não fora este movimento. Finalidade comum é uma estrada de amizade. Quando os homens se encontram ou para se entreterem, ou para fugirem ao esforço, encontram, ao fim, a desilusão e o tédio. Daí a mudança, a troca de associações. Mas quando se encontram para construir, então esses encontros são fontes de paz, de alegria. Auto-Construção, um caminho de os homens se encontrarem para a amizade e para o bem.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



# O nosso Jornal

«Devagar se vai ao longe»: E é certo. A malta, eventualmente destacada prós ficheiros do «Famoso», entra de caneta em punho na letra E. Pois lembramos já os assinantes das letras A, B, C, D (Antónios, Augustos, Bernardos, Carlos, Danieis e Eduardos, etc.) com notícias atrasadas — em nossos ficheiros. E que seria bom por nos sua escrita em dia... Sublinhámos, no entanto, aquele em nossos ficheiros por via duma catanada amiga, muito amiga, que dá matéria oportuníssima com vista a novo esclarecimento geral. Ela aí vai:

«Desde 1950 que envio, anualmente, em Março, em vale do correio registado, a importância de 100\$00, montante que estabeleci para pagamento da assinatura anual do «Gaiato».

Em 21 de Março do decorrente ano enviei tal importância pelo vale n.º 048909, expedido de...

Tenho, pois, liquidadas todas as contas relativas à assinatura do jornal.

Em P. S.: Suponho que não seria difícil organizar, pelo menos, estas contas.

E impõe-se suprimir a primeira parte do aviso, vexatória para os não caloteiros.

Informar «que está em atraso a assinatura do jornal de V. não corresponde à verdade.»

E não correspondia, efectivamente!

Avelino, porém, em casos idênticos, e com a sua calma característica, inventa os mais variados processos de consulta para descobrir a origem deste e doutros lapsos. E consequentemente — graças à tarimba — verificamos, dia a dia, que

amor de Deus, largo e perseverante.

x x x x

Chegaram já os primeiros sinais de interesse pela compra do fogão para o Lar Novo. De Lisboa, Senhora amiga telefonou a perguntar pelas medidas e pela Fábrica fornecedora. Se fosse a Fábrica X moveria uma campanha para que a administração no-lo oferecesse. Não é. O fogão já está encomendado. O compromisso assente. Deu-nos entretanto alegria o eco do nosso eco. O Porto mandou 20\$00; Vila Nova de Gaia, 100\$00; Lisboa, um vale de 500\$00; 100\$00 mais 100\$00 não sei de onde; Setúbal, 500\$00.

Em princípio de Outubro vem o fogão. Tenho de entrar com 10 mil. O resto vai ser a 2 mil por mês até aos 32. Não te esqueças do nosso fogão para o Lar Novo.

Padre Acllio

a esmagadora maioria de erros provem do compreensível desconhecimento dos assinantes pela forma exacta como temos organizado o ficheiro do «Famoso» que, repetimos, uma vez mais — está classificado por ordem alfabética. Quer dizer: o assinante, quando se nos dirigir, tenha cuidado e faça favor de respeitar seu nome e morada tais quais vão impressos no cabeçalho do jornal e que deve coincidir, também, com o indicado no postal. De contrário, surge, pelo menos, uma trapalhada: sermos forçados a considerar, como simples donativos, remessas com destino primário ao «Famoso». Entendido?

Voltemos ao nosso estimado correspondente. Avelino só por mero acaso conseguiu descobrir sua ficha, em uma série de gavetas com mais de 30.000 — visto que apenas indicava parte do nome de inscrição, com a agravante de ter expedido o vale de uma localidade que não aquela para onde efectivamente segue o «Famoso». Mas já preveniu aquele nosso Amigo, con-

venientemente. Em suma: há males que vêm por bem. É o caso. Compreendemos o alvitre apontado e alterámos a lacónica redacção do postal, cujo primeiro período ficará, doravante, assim: «Com os nossos cumprimentos, informamos que — em nosso ficheiro — a assinatura do jornal de V. está em atraso». Sublinhámos em nosso ficheiro para, no caso de desencontros — tão susceptíveis de acontecer em uma desorganização organizada — o período final completar o inicial: «Se, entretanto, V. já tiver liquidado, tenha a bondade de nos esclarecer, para actualizarmos a sua ficha». E, assim, aos poucos, vamos disciplinando mais e mais o nosso trabalho.

Convém acentuar, também, que a remessa de postais-aviso é, única e simplesmente, um mero serviço de rotina — adoptado desde os primeiros tempos do «Famoso» — e utilizado, aliás, por todas as publicações periódicas. Mais; Avelino notando-me às voltas com original pró «Famoso», vem até mim e

exclama: «Olha que, apesar das séries de postalada, há ainda gente que não dá notícias desde mil novecentos e quarenta e tall...» Mas o «Famoso» continua a seguir. E seguirá. E quantos deles, porém, acordam, por fim, estremunhados! E explicam-se, doridos pelo silêncio. Depois, são labaredas que derramam luz da Luz. E incendiam o mundo. Quantos!

Ora vejam:

«Caríssimos

Muito obrigado pela vossa prevenção. Creio que sim, que estou em atraso. Aliás, estamos sempre em atraso perante vós. Só tenho pena de não poder enviar-vos mais. Ainda que mais nada houvesse — e muito há — bastaria para o nosso reconhecimento a lufada de amor que de vós (do «Famoso») recebemos, as lágrimas que nos fazeis chorar...»

«O Gaiato» é tudo isto. Livro aberto onde rimos e choramos: a virtude e o pecado, o bem e o mal, a justiça e a injustiça, a ordem e a desordem.

Enfim, de mão dadas, os senhores façam favor de ouvir os nossos recados. E de ajudar a aperfeiçoar a nossa célebre desorganização organizada. É um trabalho de amor — que está ao alcance de todos e de cada um.

Júlio Mendes

## LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

Iha no Instituto da Namaacha. Pretende que tome conta dos três.

O terceiro caso é uma mulher com dois filhos pequenos que vai regressar à Metrópole para se casar. Pretende deixá-los para ir livre.

Vamos lá a saber, quem quer ajudar? Porventura os que frequentam os subúrbios já deram conta dos filhos da primeira? Alguma vez a consciência lhes mordeu, ao abusar da mãe dos inocentes que se expõe, porque a sociedade não preserva a sua dignidade de mãe? Porventura os que frequentam os «cabarets» se lembraram já que para além daquela mulher, que lhes proporciona noites de volúpia, está a desgraça dela e sobretudo dos filhos que mal a vêm? Quem acode à outra e a faz considerar o seu mau passo? Onde estão os companheiros destas mulheres ou pais destas crianças?

Responder-me-ão que é inútil tanta inquietação se um Asilo ou a Casa do Gaiato resolve tudo isso. Pois é aqui onde queria chegar. Somos um mal necessário. Como compreendo o Pai Américo: «Vivo a angústia da Obra que criei». Somos um mal necessário. E tão necessário que não chegamos para todos. Destes de quem falo nem um só aqui deu entrada. Não podemos!

Precisamos levantar casas formosas, escolas, oficinas, campos de jogos, jardins, de criar beleza para que estas crianças encontrem a beleza perdida e se salvem, já que os seus se perderam e as perderam.

Padre José Maria

## Cantinho DOS RAPAZES EM RETIRO

Benguela, 20/9/68.

Queridos Rapazes

Disse-vos, ao despedir-me, que a maior dor da ausência seria durante o vosso Retiro. Pelo oferecimento dela estarei presente — e creio que com a maior eficácia de sempre. Toda a semana celebrarei por vós e convosco o Santo Sacrifício da Cruz, o qual, não bastando à Misericórdia de Deus, ter-nos aberto as portas do Céu, nos é oferecido em Alimento para mais fácil e mais certamente Lá chegarmos.

Que a vossa ida seja tão consciente, quanto é livre. E assim é uma exigência indispensável que vivam seriamente estes dias na intimidade de Jesus. A todos faria bem ir e todos são chamados. Os «escolhidos» — os que tiveram a coragem de aceitar o convite — que o vivam em caridade, na preocupação de que este encontro com o Senhor seja remédio para os males que os preocupam e também para os daqueles que parecem não reparar que todo o homem nasceu e é pecador e que a escalada do Céu exige forças que, de si-mesmo, o homem não tem suficientes.

Suponho que o turno dos mais velhos (se é que há dois turnos...) começará 2.ª feira à noite. Terça, 24, primeiro dia cheio, é a Comemoração de N. Senhora das Graças. Há cerca de meia dúzia de anos tivemos nesse dia uma Reunião de Chefes mais responsáveis na Obra. Há quatro, o mar levou-nos o nosso Domingos, na pujança da vida, longe, decerto, para ele e para todos nós, a lembrança da morte. Que belo dia, pois, tão rico de estímulos, para principiar tarefa tão santa, como é a revisão de um ano de vida, no desejo sin-

ceros de uma vida melhor. Que Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças, Mãe de Misericórdia e Advogada nossa, defenda a nossa causa, chamando para vós a atenção misericordiosíssima do Pai Celeste e distribuindo-vos em farto caudal a «Água-Viva» que jorra do Coração Santíssimo de Jesus.

O segundo turno terminará no sábado, suponho, talvez após a Missa. É a Festa de S. Wenceslau, duque de Praga (há poucas semanas tão vexada!), «mais pela bondade do que pelo império» — assim reza dele o Breviário. Príncipe, imensamente rico, deu-lhe Deus a suprema sabedoria de trocar todas as jóias do seu tesouro pela «Pérola única e preciosa» de que nos fala o Evangelho, gastando a sua vida «atenida, assiduamente, a socorrer os Pobres e a consolar os aflitos»; vindo a morrer às mãos assassinas de um irmão, por sugestão da própria mãe, quando rezava na igreja.

Que a lição desta vida dê a todos nós um impulso no amor da Pobreza («que é a nossa riqueza» — segundo a herança espiritual de Pai Américo) e no amor dos Irmãos; e reforce a nossa convicção de que nascemos para ser santos e que podemos sê-lo, ainda que nascidos do pecado; como Wenceslau, o

Santo, filho e irmão de assassinos do seu próprio sangue.

Com muita amizade, vos abraça, o vosso

Padre Carlos

## MIRANDA DO CORVO

Com a sequência dos dias de chuva que surgiram, o nosso trabalho agrícola atrazou-se um pouco, especialmente o que respeita ao milho e às uvas.

Agora que a ideia de mau tempo se desvaneceu um pouco, pelo bom sol que parece nos ter vindo visitar, recomeçamos os trabalhos; mas, desta vez, em marcha acelerada, para recuperarmos alguma coisa do atrazo em que nos encontramos.

Dal, já termos o milho quase todo fora da terra, excepto parte do da terra nova. Todo ele já foi descamisado e está presentemente a ser descarolado, e posto a secar para depois ser recolhido, e darmos por terminada a faina do milho, para este ano.

A par com a tarefa do milho, surgiram-nos também a da vindima, pois os cachos já amadureceram.

A vindima é, cá em Casa, uma das tarefas que mais entusiasmo faz sur-

gir, tanto para os mais novos, como para os mais velhos.

Antes de começar preparámos vasilhas, e o que era necessário. E fomos todos, excepto alguns que eram indispensáveis em Casa, como por exemplo o cozinheiro, ou alguém que ficasse nas oficinas.

Este ano, é certo que não tivemos em abundância, mas sempre tivemos bastante mais que o ano passado, embora não vá ser tão bom.

O vinho já foi tirado do lagar e posto nas pipas, e o bagaço aproveitámo-lo, como do costume, para fazer aguardente no nosso alambique.

Tanto o alambique como a prensa têm este ano desempenhado bastante trabalho, pois quase que não paravam um momento.

Bastantes pessoas dos arredores têm vindo até cá, para prensar o bagaço e com ele fazer a aguardente.

Isto está a aumentar de ano para ano, e então este ano já vários fregueses houve que tiveram de desistir, pois já não há tempo para atender a tantos.

Francisco José



O nosso dia a dia é um desgaste de vida. São as pequenas contrariedades que se juntam com outras já maiores e fazem volume. São os nossos defeitos e limitações. É um sangrar contínuo. As obras do nosso Lar de Coimbra vieram aumentar a

carga e temos sentido o sinal da contradição.

Neste caminho, um tanto doloroso, têm vindo ao nosso encontro alguns cireneus generosos e valentes: Eu tinha falado à estação da Missa e recolhido na capa as ofertas dos presentes. Ao fundo, numa cadeira de viagem, estava um velho Amigo de 82 anos que me segredou: — «Olhe, tenho lá uma reservista para deixar em benefício da minha alma. Mas o que vai lá para cima lá espera, não é verdade?» Claro que sim — respondi eu — no Céu não há ratos, nem ferrugem, nem ladrões. Tudo o que vai está certo.

No fim da Missa aquele senhor foi ao seu quarto e assinou um cheque. Ao entregá-lo, confirmou — «É o meu testamento. Entendo que o que deixamos para ser feito depois da nossa morte, muitas vezes não passa dum motivo de vaidade e pode já não valer nada de bem à nossa alma. Fica entregue. É para o que mais for preciso.»

Dei-lhe um abraço de despedida. Sem saber qual a quantia do cheque guardei bem dentro de mim o testemunho daquele homem que confiou e que tem o sentido do fruto das boas obras.

## Homens do Governo

Cont. da PRIMEIRA página

têm, por vezes, os olhos vendados. Os perseguidos podem teimar na sua razão. É necessário que os ricos sejam menos ricos para que os pobres sejam menos pobres.

Saudamos o Snr. Prof. Marcelo Cetano e seu Conselho e pedimos a Deus que ilumine e guie estes Homens do Governo a encontrarem para todos os Portugueses de aquém e além mar o caminho da felicidade.

É este caminho da felicidade só o conseguimos quando formos uma Nação que tenha o Senhor como seu Deus.

Padre Horácio

## AREIAS DO CAVACO

As igrejas de Benguela e do Lobito sentiram há pouco o calor das palavras do nosso P.e Carlos, quando este tornava público as dificuldades financeiras que estamos a atravessar.

A Obra da Rua não é minha, não é tua, mas sim de todos nós, que procuramos levar avante o progresso da nossa conduta social. O seu intuito não é albergar, mas sim dar ambiente familiar e tornar elementos úteis à Sociedade, aqueles que Ela considera como sua escória, evitando que caiam nas profundezas da onda do crime. Tu, caro leitor, que és senhor de espírito consciencioso, medita um pouco nisto e vê se a tua consciência não te diz que és devedor desta Obra, que procura cobrir as lacunas do agregado humano de que fazes parte.

Mas, felizmente, os dizeres acima mencionados, já penetraram na mentalidade de uma boa parte de gente de Benguela e do Lobito, que, ao ouvirem as palavras daquele sacerdote mendicante, iam deixando cair num saco moedas e notas, contribuindo, deste modo, para o fomento de uma Obra que caminha em prol da Nação Portuguesa e do Mundo Cristão.

Cumpra-nos agradecer a acção de um grupo de Senhoras que, pelas ruas da cidade de Benguela, fizeram peditórios em nosso favor, conseguindo obter uma boa soma em dinheiro e em diversos bens que tanto jeito nos fizeram.

Faria Magro



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.  
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

# TRIBUNA de Coimbra

Devia ter sido ele a falar ao povo de Deus reunido à volta do Altar. Eu quisera ter ouvido aquele testemunho no meio da assembleia cristã.

O mundo está tão cheio de palavras e vidas vazias! Estamos tão habituados a ouvir falar e a ler notícias de bens deixados por mãos mortas!...

Mais outro cireneu: Um casal de Coimbra que estava na Figueira da Foz, e que foi à Missa a que eu não falei, queria ver-me. Veio dois dias depois a nossa Casa. Sem demora deu o seu recado: «Queríamos vê-lo, pois não o vimos na Figueira, e entregar-lhe a renda dos primeiros meses de um andar que comprámos e alugámos. Temos trabalhado muito

e Deus tem sido muito nosso Amigo. Não fazemos favor nenhum em ajudar aqueles que precisam mais do que nós.»

Deixaram um envelope e retiraram com muita simplicidade. Não quiseram dizer o nome. Aquele fim do dia foi para mim um dia de festa.

Uma família irmã tinha-me telefonado. Havia aflições em casa. Queria lá ir, mas não tinha nada para levar para o pão dos dez filhos. Como de costume dei uma volta por aquela rua da Baixa. Em frente à porta do estabelecimento a Senhora chama-me, entrega-me um envelope e diz que foi Deus que me lá mandou: — «Tendo Deus permitido que eu completasse mais um ano de existência, e

meu marido me oferecesse esta quantia para o que eu entendesse, nada melhor me ocorreu de oferecer para umas telhas do vosso novo Lar.»

O Senhor deu-me mais respostas naquele dia, mas a resposta desta Senhora caiu-me em cheio e não perdi mais tempo.

Mais um jovem cireneu: — «Junto remeto uma pequeníssima importância, apenas cem escudos, retirados do produto do meu trabalho de férias. Sou universitário em Coimbra, a minha família é muito modesta, mas Deus deu-me a sorte de Pais verdadeiros que não se poupam a sacrifícios pelos filhos. Por isso não me sinto a prestar qualquer favor, mas antes a cumprir um verdadeiro dever para com aqueles que não tiveram a mesma sorte. Só lamento ser tão insignificante a minha ajuda; talvez um dia possa ser maior.»

No meio de uma juventude que parece sem rumo ainda há uma boa parte que sabe e sente o sentido de uma juventude generosa.

Padre Horácio

## Do que nós necessitamos

Abrimos com uma série de Anónimos: 50\$00 de algures, mais 500\$00 de Gaia, 50\$ do Porto, 566\$50 de algures e 50\$ do Porto. N. L. 20\$00; Lécista da Figueira da Foz com 230\$; assinante de Rio Tinto, várias vezes com 100\$00; mais 50\$00 do Porto, de M. Rafaela; anónima de Espinho com 20\$00; e outra vez o Porto com 1.000\$; a presença sempre querida da Avó de Moscavide, com duas vezes 50\$00; o sobrevivente do Casal R. D. com a presença do costume. Para o mais Pobre dos Pobres duas remessas de 500\$. O valor reside em não sabermos donde veio nem quem fez a remessa. Mais três presenças com esta cristianíssima legenda: «Que sejam secretas a dádiva e o nome», e somam 100\$00. Mais os costumados 75\$00 em selos, da Amadora. Mais as remessas habituais de E. D. M.. Agora, é a vez da Rua Oliveira Martins, de Lisboa: «Na Casa do Gaiato há sempre um noivo: são para ele estas simples lembranças, que pertenceram a quem muito admirou a vossa Obra». É um alfinete de ouro com pérola, um par de botões em ouro e roupas.

Uma carta da Invicta:

«Meus caros amiguinhos.

Envio-vos o vale número 085723 na importância de cem escudos, para uma das vossas necessidades, em cumprimento de uma promessa de minha mãe, por eu ter passado para o segundo ano.

Pedi a Deus nas vossas orações por mim, para que eu seja uma boa aluna, e que para o ano possa novamente estar presente.

Um abraço da vossa amiga Maria Manuel»

Em nossa Colónia de Férias de Azurara foi recebido um cheque de 200\$00. Alberto ficou todo contente. Pois fez

muito jeito às despesas do turno que comandou.

Mais anónimos: 20\$ e 100\$ depositados no Espelho da Moda, assim como outros donativos, incluindo muitos pacotes de roupas, etc.. Os senhores do Porto, que desconhecem, saibam que o nosso Depósito fica mesmo no centro da cidade — Rua dos Clérigos, 54.

J. M. C., com 25\$00. Mais 20\$00 «pelo bom êxito do exame de milha filha». 20\$00 da Foz do Douro. E, «por uma intenção particular», 150\$. Outra vez o Porto com 500\$00. De Gaia, 2.000\$00. E mais 20\$00, «outra migalhinha para juntar a outras que já tenham — L. G.». E, de «uma pobre Viúva» 50\$00 «para uma missa» por alma de seu marido. Mais uma série de livros de ficção e escolares, de Lisboa, Porto e Coimbra. Selos usados de Santarém e Albergaria a Velha. Um rádio «Philco», do Porto. Um bilhete da Lotaria do Outono, da Lourinhã. Duas vezes 50\$00 do

Porto; um cheque de 150\$00, da Murtoza. Mais objectos de ouro e esta legenda muito simpática: «Como membros que somos da mesma Família, peço-vos que ofereçais comigo ao Senhor por intenção dum filho que nascerá dentro de meses e em acção de graças por outro que completa hoje quatro anos de vida». E os habituais 100\$ «para a Viúva da «Nota da Quinzena». Do Porto, 1.000\$00, «parte de um ordenado». E 2.300\$00 de Uma Espanhola. Mais quatro anónimos com 20\$, 40\$ e 50\$. E 3.600\$00 «de duas almas fraternas». Outra vez Porto com 50\$00 e 200\$00. E mais Porto: 50\$00 de «uma aluna da Faculdade de Farmácia e grande admiradora da Obra». 500\$00 de Lisboa. Por alma de J. N., 50\$00. O mesmo «para um Pobre do Barredo». Idem, de S. Pedro do Sul. E uma caixa de colheres da Invicta. Mais os pacotes de lâminas do costume.

E nova série de roupas, que nos fazem muito jeito: de Portalegre, Lisboa, Porto, Peniche, Entroncamento, Aveiro, Vila Nova de Cerveira, S. João da Madeira, Costa do Valado e Cabeceiras de Basto.

Em cumprimento de promessas: 50\$00 do Porto, 500\$ de algures, 120\$00 de Maria de Lourdes, 200\$00 também não sabemos donde, 100\$00 idem, 50\$00 e mais 150\$ da Invicta.

Finalmente, 187\$00 da Conferência de Nossa Senhora do Socorro; e quetes de Grupos Excursionistas de visita à nossa Aldeia: Pessoal do «Jornal de Notícias», 81\$00; «Bairro do Cerco do Porto», 980\$10; Pessoal da Fábrica de Malhas «Marão», 541\$30 e «Grupo Recreativo da Fábrica Nari», 100\$.

Para todos o nosso muito obrigado.

Manuel Pinto

### MAIS UM CASAL GAIATO



Humberto e esposa, após a cerimónia do seu casamento.